

«ESTA NOVA SITUAÇÃO IMPÕE-NOS NOVOS DEVERES»

«O Espírito impele-nos a alargar os nossos horizontes e exorta-nos a um processo de mudança de mente e de coração que nos abre à esperança, ao acolhimento caloroso das pessoas e à colaboração com aqueles que trabalham por uma humanidade nova»

Constituições STJ, ART. 18

«É o Espírito que dá vida; não a carne nem o invólucro exterior, que podem ajudar a orientar aquele, mas sem ele não será mais do que letra morta (cf. Jo 6,63). Reconhecemos que, mudadas as circunstâncias, a regra de conduta deve ser alterada...»

E.O. Organizemo-nos

INTRODUÇÃO

Com este tema, queremos tornar-nos mais conscientes de que nos encontramos hoje **numa «situação nova»**, que **«nos impõe novos deveres»** em muitos domínios da nossa vida e missão, particularmente no da espiritualidade.

Há já quase três anos, o Capítulo Geral convidou-nos a viver e a oferecer uma espiritualidade teresiana, que pressupõe uma nova sensibilidade. Viver essa espiritualidade requer, além disso, lucidez e força para reconhecer as dificuldades e enfrentar os obstáculos que encontramos nas diferentes realidades.

PREPARAMOS O CORAÇÃO

Não há dúvida de que, na Companhia, partilhamos uma nova sensibilidade espiritual (evangélica e teresiana) expressa na Opção Capitular. Nesta reflexão, centramo-nos no Segundo Objetivo e nos convites 1 e 2:

«Cultivar uma espiritualidade que ESCUTE a realidade, provoque o ENCONTRO, redescubra o SILÊNCIO e a CONTEMPLAÇÃO e nos permita responder EVANGELICAMENTE aos desafios da realidade»

Podemos ler o artigo 59.º das Constituições[1] e perguntar-nos que acontecimentos (sociais, eclesiais...) nos ajudaram a «alargar os nossos horizontes», «impulsionando- nos para um processo de mudança de mente e de coração».

ENCONTRAMOS-NOS

Invocamos a presença do Espírito no meio de nós... e pedimos-Lhe a capacidade de ver, ouvir e perceber com o coração.

Partilhamos algo do que refletimos pessoalmente na secção anterior «preparamos o coração»: acontecimentos (factos, projetos, textos...) que nos ajudaram a abrir a mente e o coração.

Avançamos um pouco mais

- Os **CONVITES** capitulares falam de «cultivar», «provocar», «ouvir», «redescobrir...». Expressões que soam muito bem, mas que nos custa pôr em prática. Passaram quase três anos, e voltamos a perguntar-nos como podemos **OUVIR** a realidade, **PROVOCAR** o encontro, **REDESCOBRIR** o silêncio e a contemplação.
- Desde as suas origens, o **SILÊNCIO** tem ocupado um lugar importante na vida e na missão da Companhia. Os **DOCUMENTOS DE PERFEIÇÃO** dedicam o capítulo 7.º ao **SILÊNCIO** e o 8.º à **ORAÇÃO**. Podemos lê-los e relacioná-los com o Segundo Objetivo da Opção Capítular, «A Espiritualidade Teresiana».

ALGUMAS PERGUNTAS PARA ESTIMULAR A PARTILHA

Como concretizamos hoje o apelo dos Documentos de Perfeição: «Devem procurar com todo o empenho ser almas de oração, mestras de oração, as filhas de Santa Teresa de Jesus, tal como a vossa Mãe? Por isso mesmo, devem estar instruídas e versadas nos diferentes modos de orar, para exercer com proveito este sublime apostolado»? (p. 37)

Por que razão, neste momento que vivemos, somos convidadas a cultivar a ESCUTA da realidade e a REDESCOBRIR o valor do SILÊNCIO e da CONTEMPLAÇÃO?

Perante as circunstâncias tão «alteradas» do nosso mundo atual, que «regras de conduta» nos pede o Senhor que alteremos para sermos Boa Nova e um sinal de esperança?

PARTILHAMOS A NOSSA ORAÇÃO

«A mística cristã não é, na sua essência, uma mística de olhos fechados, mas sim de olhos dolorosamente abertos. Exige um exercício especial do olhar, uma superação das nossas dificuldades inatas para ver e dos nossos narcisismos humanos». (Metz, Johann Baptist. Por uma mística de olhos abertos: Quando a espiritualidade irrompe).

Pedimos ao Senhor que nos abra o olhar... mencionamos realidades, pessoas, situações sobre as quais pedimos hoje ter uma **«mística de olhos abertos»**...

Este momento de oração e partilha comunitária pode terminar com a canção: «Dá-me, Senhor, o teu olhar» ou outra que se escolha para a ocasião.

TEXTOS PARA APROFUNDAR

1. **Documentos de Perfeição, capítulo 7.º: O Silêncio e 8.º: A Oração.**

2. **Opção Capitular Meta 2,1-2 (Documento XVIII do Capítulo Geral, p. 17):**

«Viver a ESPIRITUALIDADE TERESIANA, ligadas à Fonte e COM SENTIDO DE MISSÃO, convida-nos a:

- Cultivar uma espiritualidade que escuta a realidade, suscita o encontro à maneira de Jesus e se torna um unguento que cura as feridas.
- Redescobrir o valor do silêncio e da contemplação, aperfeiçoar a escuta, perceber a Presença de Deus em tudo o que foi criado e viver a partir da admiração e da gratidão».

3. FRANCESC TORRALBA: A Contemplação

Fala da prática da contemplação, das condições ou disposições necessárias para o seu exercício. Apresenta algumas razões para a sua dificuldade nos nossos dias e alerta-nos para os obstáculos que temos de superar.

O ser humano, para além de agir e produzir — as suas duas atividades mais habituais —, é capaz de contemplar. A contemplação é uma atividade que tem o seu ponto de partida nos sentidos externos, mas transcende o plano da percepção.

Contemplar não é observar atentamente um pormenor ou um fragmento da natureza. É isso que faz, em sentido estrito, um cientista, um biólogo ou um geólogo.

A contemplação não é a mera visão, nem é a observação. É estar recetivo à realidade, abrir ao máximo os poros da sensibilidade para captar o pulsar da realidade exterior, para nos ligarmos ao que nela se esconde, a esse pano de fundo invisível aos olhos. Exige a máxima transparência, a vontade de abraçar tudo o que nela existe. Consiste em mergulhar nela, despojando-nos de nós próprios.

Quando se contempla, deixa-se de se conceber como alguém que está diante da realidade, como um espectador perante um espetáculo; deixa-se de ser uma fonte ativa para se dissolver no que se contempla, para se perder na realidade. É isto que acontece quando se contempla um quadro, uma paisagem marítima; quando se mergulha numa sonata de Johann Sebastian Bach ou se contempla a abóbada celeste durante uma longa noite de agosto.

A prática da contemplação exige condições que raramente se verificam no nosso mundo. Neste mundo, é comum existir um desequilíbrio entre a vida ativa e a vida contemplativa. Sofremos de um ativismo desenfreado que nos impede de contemplar a realidade, aquilo que se revela na vida a cada instante.

Toda a contemplação exige tempo, e a pressa constitui um obstáculo fundamental. Exige, além disso, uma atitude interior de paz e de profundo recolhimento, uma predisposição para receber, para se deixar surpreender pela realidade. A contemplação não procura nada em concreto. A pessoa que a cultiva estimula a inteligência espiritual, pois, ao contemplar a realidade, transcende as aparências das coisas, vê o seu lado oculto e entra em comunhão com o mistério do ser.

O segundo obstáculo na prática da contemplação é a dispersão. A constante multiplicidade de estímulos sensoriais torna impossível contemplar algo atentamente, sem qualquer distração. Contemplar requer, além de lentidão e atenção, desapego. Para tal, é preciso superar a tendência para se fechar em si mesmo, para se colocar no centro da reflexão. Contemplar não é argumentar, nem refletir, nem dialogar, nem replicar. É abrir-se à totalidade. Exige, da realidade, tornar-se um com ela, entregar-se a ela necessariamente, a superação do ego.

Contemplar é um movimento semelhante ao fluxo: consiste em deixar passar, em fazer circular o que está lá fora, sem vontade de se apropriar disso. Quem contempla não tem vontade de possuir, nem de dominar aquilo que contempla. Contemplar é libertar, e não exclui a possibilidade de que outros contemplem e desfrutem da mesma realidade contemplada. (Francesc Torralba, *Inteligência espiritual*, pp. 199-202).